



**NOVA YORK DELIRANTE: UM
MANIFESTO RETROATIVO PARA
MANHATTAN**
REM KOOLHAAS

Coleção Face Norte

Prefácio de Adrián Gorelik
Tradução de Denise Bottmann

Brochura
18 x 24 cm
322 páginas
217 ilustrações
R\$ 58,00
ISBN 978-85-7503-606-8

**NOVA YORK DELIRANTE, DE REM KOOLHAAS:
DECIFRANDO
A "GRANDE MAÇÃ"**

Depois de *Aprendendo com Las Vegas*, de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour, a Cosac Naify traz, no 11º título da coleção Face Norte, mais uma obra decisiva para os estudos de arquitetura e urbanismo - *Nova York delirante*: um manifesto retroativo para Manhattan (tradução de Denise Bottmann), escrito em 1978 pelo holandês Rem Koolhaas, figura-chave na cena arquitetônica contemporânea internacional.

Tanto *Aprendendo com Las Vegas* quanto *Nova York delirante* combinam as formas de manifesto, relato histórico e ensaio buscando a compreensão dos fenômenos urbanos a partir de cidades-ícones. Mas segundo apontou o historiador Adrián Gorelik em prefácio especial para esta edição brasileira de *Nova York delirante*, de Rem Koolhaas, enquanto a inclinação pop do primeiro se detém na análise de uma iconografia, a "celebração da cultura de massas do segundo visa alcançar as estruturas profundas - inclusive no sentido psicanalítico, com o qual flerta a inspiração surrealista de Koolhaas - da cidade e sua arquitetura".

Nos episódios pulsantes da história urbana de Nova York narrados no livro, principalmente de 1890 a 1940, o autor procura uma teoria e uma linguagem próprias para explicar a formação e as transformações das metrópoles modernas. "Os historiadores urbanos sabem muito bem - toda cidade guarda, enigmática, em seus planos e edifícios, as chaves de uma civilização. É a quintessência da modernidade o que Koolhaas busca em Nova York", aponta Gorelik.

Os conceitos de "retícula" e de "congestão urbana", o máximo de racionalismo e adensamento para alcançar "uma liberdade sem precedentes", de fascínio pelo cenário tecnológico e pela busca incessante do prazer, de valorização de uma realidade construída segundo os interesses de incorporadores, visionários, empresários do entretenimento, políticos e arquitetos, são a base para seus argumentos e o insight para aquilo que ele chama de delírio. Na malha urbana, a quadra foi totalmente edificada num arranha-céu, "uma cidade dentro de outra cidade", um gesto megalomaniaco próprio do mundo industrial das primeiras décadas do século XX.

A originalidade única da arquitetura de Manhattan: "sua capacidade de fundir o popular e o metafísico, o comercial e o sublime, o refinado e o primitivo - os quais juntos explicam a antiga capacidade [da cidade] de seduzir o público de massa" (p. 338).

O autor analisa também a relação com a cultura moderna europeia da época, relatando as visitas do artista Salvador Dalí e do arquiteto Le Corbusier. A escolha destes personagens é pertinente, pois revela as origens teóricas de sua criativa análise urbana. De um lado, o artista-ícone do movimento surrealista europeu como "energia e inspiração" para as associações que combinam razão e fantasia, ciência e brincadeira e que vestem muito bem o paradoxo delirante que para ele é o "manhattanismo". De outro Le Corbusier, o pai do urbanismo funcionalista moderno, que nasceu para edificar, simbolizar o sucesso do mundo capitalista industrial universalizante, mas que segundo o autor foi modesto nas suas propostas utópicas. A cidade de Nova York, erigida na espontânea dinâmica do capital, é a que realiza concretamente o poder

da tecnologia e da edificação, a cidade da "era da máquina" preconizada por Corbusier.

Este gosto pelos paradoxos e a fusão que realiza entre o mundo surreal e o mundo racional moderno lhe permite fazer análises engenhosas de quadras emblemáticas de Nova York, como o Empire State e o Rockefeller Center, reconstruindo imagens memoráveis. É desta própria crítica à cidade contemporânea e ao arranha-céu, como edificação paradigmática e simbólica, que o autor extrai também os instrumentos para o projeto de arquitetura, o caminho teórico para seus trabalhos: os fluxos (verticais e horizontais) e as lobotomias (desvinculação entre os programas dispostos no interior do edifício e sua "pele").

Este livro, certamente, vai interessar a toda sorte de leitores: arquitetos, urbanistas, estudantes, cientistas sociais, escritores, e também aos visitantes dispostos a entender os códigos da "Grande Maçã".

SAIBA MAIS SOBRE REM KOOLHAAS

COLEÇÃO FACE NORTE NA COSAC NAIFY

Uma nova agenda para a arquitetura - antologia teórica (1965-1995), org. de Kate Nesbitt

Arquitetura e trabalho livre, de Sérgio Ferro

Caminhos da arquitetura, de João Batista Vilanova Artigas

Um modo de ser moderno - Lucio Costa e a crítica contemporânea, org. de Ana Luiza Nobre, João Masao Kamita, Otavio Leonidio, Roberto Conduru

Precisões: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo, de Le Corbusier

Modernidade e tradição clássica - ensaios sobre arquitetura (1980-1987), de Alan Colquhoun

Aprendendo com Las Vegas, de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour

Depoimento de uma geração, org. de Alberto Xavier

Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil, de David Underwood

Arquitetura moderna - a arquitetura da democracia, de Vincent Scully Jr.

MARCELE ROCHA
marcele@cosacnaify.com.br
TEL 11 3218-1466

CECÍLIA DO VAL
imprensa@cosacnaify.com.br
TEL 11 3218-1468